

**O IDEAL ESTÉTICO GREGO NA ASTRONOMIA COMO RAMO DA
ARTE CLÁSSICA**

**THE GREEK AESTHETIC IDEAL IN ASTRONOMY AS A BRANCH
OF CLASSICAL ART**

**EL IDEAL ESTÉTICO GRIEGO EN LA ASTRONOMÍA COMO RAMA
DEL ARTE CLÁSICO**

Josué Robles Plaza

Mestre em Educação pela Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación-CHI. Professor da Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación-CHI. E-mail: josueroblesplaza@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi62.71204>

Recebido em 05/02/2024

Aceito em 09/05/2024

Notandum, ano XXVII, 2024

CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Resumo

Este artigo tem como objetivo interpretar o ideal helênico de beleza na astronomia como um ramo da arte, através da análise da narrativa de Eratóstenes. A fim de interpretar o ideal de beleza dos gregos no ramo da astronomia como uma arte, analisaremos uma obra específica como *Mitologia do Firmamento* de Eratóstenes (século II a.C.), que é um híbrido entre narrativa e astronomia que dá conta dos astros que compõem uma constelação como tratado de ciência. Ao mesmo tempo, conta as histórias coletivas da tradição desse povo para explicar a distribuição dessas estrelas em um critério coerente como a estética ou, neste caso, o ideal de beleza dos gregos que ainda é válido e ainda podemos observar diretamente no céu estrelado e em nossos avanços científicos modernos.

Palavras-chave: Estética; Filosofia; Astronomia; Grécia.

Abstract

This article aims to interpret the Hellenic ideal of beauty in astronomy as a branch of art, through the analysis of Eratosthenes' narrative. In order to interpret the Greeks' ideal of beauty in the field of astronomy as an art, we will analyze a specific work like Eratosthenes' *Mythology of the Firmament* (2nd century BC), which is a hybrid of narrative and astronomy that accounts for the stars composing a constellation as a scientific treatise. At the same time, it tells the collective stories of this people's tradition to explain the distribution of these stars in a coherent criterion like aesthetics or, in this case, the Greek ideal of beauty that is still valid and can still be directly observed in the starry sky and in our modern scientific advancements.

Keywords: Aesthetics; Philosophy; Astronomy; Greece.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo interpretar el ideal helénico de belleza en la astronomía como una rama del arte, a través del análisis de la narrativa de Eratóstenes. Para interpretar el ideal de belleza de los griegos en el campo de la astronomía como un arte, analizaremos una obra específica como la *Mitología del Firmamento* de Eratóstenes (siglo II a.C.), que es un híbrido entre narrativa y astronomía que describe las estrellas que componen una constelación como un tratado científico. Al mismo tiempo, relata las historias colectivas de la tradición de este pueblo para explicar la distribución de estas estrellas en un criterio coherente como la estética o, en este caso, el ideal de belleza griego que sigue siendo válido y aún podemos observar directamente en el cielo estrelado y en nuestros avances científicos modernos.

Palabras clave: Estética; Filosofía; Astronomía; Grecia.

Introdução

Raramente podemos dizer que paramos para observar o céu noturno devido à vida agitada nas cidades e à poluição luminosa, o que sem dúvida contribui para que percamos uma oportunidade diária de contemplação da Beleza. No entanto, deve-se notar para aqueles que estão curiosos que podemos encontrar no plano noturno a riqueza de inúmeros tesouros, a maioria deles a olho nu, entre os quais podemos apontar a trajetória dos planetas, o braço da galáxia, nebulosas, estrelas e constelações.

As constelações permitiam ao ser humano apropriar-se das formas fora de si que se observavam no céu, o que representava a ideologia da cultura predominante, no nosso caso, a visão de mundo dos gregos clássicos. Essa relação entre a astronomia e a cosmovisão helênica ainda é válida, tenhamos em mente que ainda hoje a nova exploração lunar é chamada de “Ártemis”, dando continuidade à longa tradição do mundo moderno.

O objetivo deste artigo é nos convidar a olhar para o céu com a perspectiva dos antigos, que, como nós, enfrentaram a existência com um conjunto de valores estéticos que dignificaram

suas vidas com a arte para enfrentar o absurdo da existência. Depois de olhar para o céu, podemos lembrar sua mensagem, através da interpretação do ideal helênico de beleza, tarefa à qual nos dedicaremos, através da análise de seus escritos por autores que serviram de referência, misturando arte com ciência indistintamente.

O cotidiano exige constantemente que sejamos profissionais, família, estudantes etc. Todas essas obrigações são necessárias para a vida, mas o ser humano, além dessas ocupações, precisa dignificar sua existência através da arte e da contemplação da Beleza. Podemos até comer um prato sem forma com os nutrientes necessários para a vida, mas a arte culinária, por exemplo, dignifica esse prato com cores, apresentação, sabores e texturas. Não podemos simplesmente olhar para o céu sem admiração, olhar para as estrelas e trevas por sua utilidade para a sociedade, mas devemos nos voltar para a arte e contemplar com reflexão a tela celeste que os gregos adornaram com o conjunto de suas histórias para exaltar a vida toda vez que olharam para cima em busca de sentido como nós.

Objeto de estudo e método de análise

Como objeto de estudo neste artigo revisaremos a contribuição de Eratóstenes, pensador que durante o século II a.C. foi um dos fundadores da geografia, ele também calculou o diâmetro e a circunferência da terra com surpreendente precisão, bem como o cálculo da inclinação do eixo da terra, ocupando para as realizações de sua carreira o cargo de diretor da biblioteca de Alexandria até sua morte. Como autor especialista em Artes como Matemática, Retórica e Astronomia, podemos reconhecer em sua expressão literária a marca do ideal clássico de beleza, tomando para nossa análise a obra *Mitologia do Firmamento* como objeto de estudo, onde Eratóstenes elencou os “catasterismos”, nome dado à transformação dos personagens da mitologia grega em constelações (ERATÓSTENES, 1999).

Para interpretar o ideal de beleza em *Mitologia do Firmamento* será utilizada uma abordagem qualitativa, seguindo o método de Análise de Conteúdo, que segue as etapas de Pré-análise, Codificação, Categorização e Inferências (NICOLINI, 2015).

Em seguida, utilizando o conceito de Beleza fornecido por Nietzsche, através dos rótulos de “Apolo” e “Dionísio”, analisaremos as 44 histórias. Em seguida, utilizando esses rótulos, vamos classificá-los em categorias com valor negativo e positivo na construção da história: “Imposição de uma punição” e “Concessão de uma recompensa”. Finalmente, interpretaremos as informações dessas categorias utilizando um método inferencial apoiado na proposta estética de Nietzsche sobre os gregos.

Referencial teórico

Astronomia como Arte

O mais antigo texto reconhecido sobre constelações tem origem na Mesopotâmia, por volta de 1700 a.C., podemos identificar nos escritos dessa cultura a presença de múltiplas constelações e 18 estações zodiacais por onde o Sol passou, sendo a primeira referência reconhecida para a astronomia moderna (SCHAEFER, 2006; HUNGER; STEELE, 2019).

A sistematização dessa antiga herança e atualização dos conhecimentos em astronomia na Grécia teve início no século IV a.C. com Eudoxo de Cnido, que foi um pensador que inaugurou a astronomia matemática, explicando o movimento da Terra em relação às estrelas fixas, constelações e planetas. Com ele, começou a visão científica, mas ao mesmo tempo a estética dessa visão grega do mundo que pegou as constelações herdadas pelos antigos e as redefiniu com base em sua cultura e seus ideais estéticos (DIÓGENES, 2007):

Se algumas estrelas têm a aparência de uma lira, vamos chamá-la de Lira de Orfeu, e se essas estrelas têm a forma de um cavalo, vamos chamá-la de Pégaso; e se há um leão no céu, o que pensamos como o Leão de Neméia que nosso Hércules matou, e se um navio, como não pode ser o navio Argo de Jasão e seus Argonautas? (ERATÓSTENES, 1999, p. 25).

Utilizaremos para análise estética os textos da astronomia, uma vez que, para a tradição dos clássicos, a astronomia era considerada uma arte, classificando essa ciência dentro das artes liberais do Quadrivium como foi delimitada por Platão em *A República*, ao lado de Música, Aritmética e Geometria. O Trivium, como predecessor curricular do ensino das Artes Liberais, incluía ao mesmo tempo Gramática, Lógica e Retórica, fazendo uma distinção entre áreas do conhecimento muito diferentes daquelas que conhecemos hoje, de modo que os tratados de ciência incluíam poesia e a pesquisa em astronomia envolvia religião (GILMAN; PECK; COLBY, 1905).

As histórias mitológicas tecidas nesse modo clássico de abordar o conhecimento, serviam como apropriação da realidade e, como qualquer objeto de arte, compunham-se de uma obra em si mesma (a coisa) e da obra na medida em que sugeria outra realidade (símbolo), pois o simbolismo Cassirer servia de ponte para o homem clássico entre o mundo real e o mundo ideal, através do qual se possibilitava o acesso indiferenciado ao conhecimento. Ciência, religião, filosofia e arte, não podemos deixar de admirar a precisão com que os antigos calculavam as dimensões e o movimento da esfera celeste, ao mesmo tempo em que

percebemos como o uso de símbolos permeia seus textos em cada descrição sem diferenciar entre áreas do conhecimento como fazemos hoje (CASSIRER, 1965).

Além disso, pois os símbolos de Cassirer têm ligação com os ideais estéticos de uma cultura, esse autor vinculou a sensualidade do valor estético com a representação do símbolo, explicitando como os valores da beleza podem emergir do conjunto de símbolos de um povo: “Uma 'forma' simbólica deve ser entendida como aquela energia do espírito através da qual um conteúdo de significado espiritual está ligado a um determinado signo sensual e lhe é atribuído internamente” (SCHWEMMER, 1997, p. 169).

Essa afirmação permite apreender a dimensão estética do símbolo, possibilitando que a análise sugerida por Cassirer emergisse, por meio da leitura hermenêutica, semiológica e fenomenológica, como realidades sensíveis que respondem à ideologia de um momento histórico (OLMOS, 2009).

O conceito de beleza para a cultura grega

Péricles (século V a.C.), após sua vitória contra os persas, dedicou-se à reconstrução de templos, tornando-se um protetor dos artistas, o que levaria a uma época de grande desenvolvimento das artes com predominância da escultura e da pintura. Artistas da geração de Fídias e Myron tendiam na escultura à representação de formas orgânicas e adesão ao cânone por analogia às regras das composições musicais, este cânone era o ideal de beleza da Kalokagathia, ou seja, a beleza como equilíbrio entre as formas e a bondade do espírito (ECO, 2015).

Um precedente específico que ilustra essa estética do equilíbrio das formas e do espírito pode ser encontrado no Oráculo de Delfos, a alusão ao mito em que Zeus teria criado os seres, atribuindo-lhes um limite justo para a harmonia. Nas paredes do templo você pode ler “O mais preciso é o mais belo”, “Respeite o limite”, “Odeie a arrogância” e “Seja muito bem-vindo”. Para os gregos, a harmonia traz ordem ao caos do qual saímos, essa ordem é representada pelo deus Apolo, que também aparece na parede do templo cercado pelas Musas, porém, no lado oposto deste templo do século IV a.C., está representado seu homólogo Dionísio, o deus que representa a libertinagem e a infração de regras (ECO, 2015, p. 53).

Nietzsche faria dessa antítese o ponto central da leitura do ideal estético dos gregos clássicos (século XIX d.C.), definindo os conceitos de beleza apolínea e dionisíaca em sua obra *A Origem da Tragédia* (NIETZSCHE, 2007).

Segundo esse autor, a beleza expressa pelos gregos se explica pela amplitude sensível com que vivenciaram a arte, que vai desde a contemplação da ideia em uma escultura até o arrebatamento das paixões na música. No primeiro caso, a beleza apolínea é observada a partir da distância objetiva proporcionada pela percepção sensível da visão em uma contemplação cuidadosa através do uso da razão, no entanto, no caso da beleza dionisiaca, as formas perceptíveis pelo ouvido têm influência no interior do observador, uma vez que não há essa distância. associada não à contemplação detida, mas à dança e ao arrebatamento na subjetividade.

O ideal estético representado por Apolo é domar o monstruoso e alcançar o equilíbrio, através do “princípio da individuação”, a vontade do indivíduo de se completar e triunfar sobre o mal inerente à vida, através da distância segura que permite a contemplação da aparência, através da percepção sensível da visão. levando à expressão da arte como objeto de beleza e sabedoria, no que Nietzsche chamou de “aparição” da arte sobre uma tela fora de si mesma que serve de vaso sereno para conquistar o imenso oceano da Natureza (NIETZSCHE, 2007, p. 51).

Por outro lado, o ideal estético representado por Dionísio é ser consumido pelo monstruoso e transbordar, perder-se nas emoções e ser desmembrado na Natureza até o autoesquecimento, em perpétua metamorfose porque não há uma verdade única, aqui a dor e o horror da existência provocam gozo, apelos à libertação das paixões na representação da loucura e do absurdo, permitindo a expressão do humano como arte, onde o próprio observador é usado como uma tela que é ao mesmo tempo com a verdade (NIETZSCHE, 2007, p. 51-52).

Em suma, o ideal de beleza para os gregos consiste na medida e no equilíbrio entre essas duas tensões, entre o apolíneo e o dionisiaco, expressas em suas formas de arte que são fruto do que Nietzsche chamou de “vontade helênica”, esse equilíbrio é o resultado do enfrentamento da dor da existência dignificando a vida humana através da arte. num equilíbrio em que nenhum dos dois é imposto, mas perpetuado. Essa é a proposta estética que nos propusemos a analisar, especificamente a expressa na astronomia como arte, a fim de identificar essa tensão e equilíbrio estéticos (NIETZSCHE, 2007, p. 48).

Análise de conteúdo em catasterismos

Entre as 44 histórias sobre a transformação de objetos e personagens em constelações narradas por Eratóstenes, “catasterismos” em diante, foram encontrados 14 rótulos correspondentes a histórias sobre Dionísio e 19 para histórias sobre Apolo, que se concentraram em 7 catasterismos. Esses rótulos foram ainda separados em subcategorias, a fim de reconhecer

mais facilmente a associação positiva ou negativa com a consideração do catasterismo como recompensa ou punição, como mostra a tabela a seguir (NICOLINI, 2015):

Etiqueta	Apolo	Dionísio
Recompensa	Ofiúco, Flecha	Corona, Câncer
Punição	Corvo	Lira

Interpretação dos dados

O conceito de beleza apolínea nos catarismos

A) A Flecha, a recompensa do apolíneo

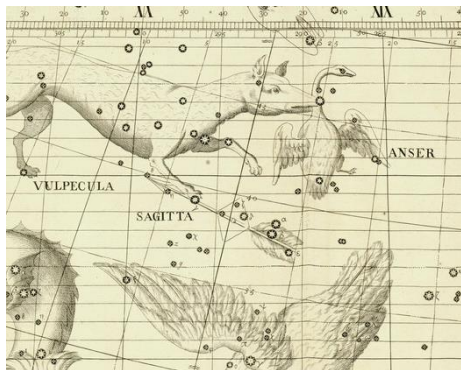


Ilustração 1: © Flamsteed, João, 1646-1719
(Flamsteed, 1729)

Nas histórias de Eratóstenes podemos encontrar histórias que tornam os personagens da mitologia dignos de reconhecimento por Apolo.

No catasterismo de “A Flecha”, essa arma é colocada entre as estrelas porque serviu para se impor aos ciclopes durante a titanomaquia, ou seja, por sua coragem de domar o monstruoso e, mais tarde, também como recompensa por ter recuperado a moderação, já que quando seu filho Clépio trouxe Hipólito dos mortos ele havia contrariado a vontade de Zeus. quando Apolo foi castigado e perdeu sua flecha, teve que realizar trabalhos a serviço de Admeto, ao final dos quais a recuperou e a colocou no firmamento (ERATÓSTENES, 1999, p. 91).

Como podemos ver, o ideal de beleza da vontade grega aparece na forma da flecha, que nos permite derrotar a Natureza e o terror da existência, o que para Nietzsche é comparável a “derrubar um império de titãs, derrotar monstros e triunfar com a ajuda da poderosa miragem de ilusões agradáveis”. É o que ele aponta ao se referir à vontade helênica, ou seja, a transformação do gênio pela arte, combatendo a aptidão para o sofrimento desse povo com uma aparência: “a flecha” que se impõe e conquista a natureza para ser cultuada como ideal estético.

A estética da vontade e o princípio da individuação que mantém os limites da personalidade com uma função libertadora e esta triunfa sobre o mal da vida, domando o monstruoso (NIETZSCHE, 2007, p. 60).

Vemos também como Apolo perde o atributo da flecha indo contra a morte, ou seja, quando seu filho Asclépio cai no excesso de reviver Hipólito, Apolo sofre a perda de seu

atributo, a flecha, aqui a afinidade que os gregos podiam sentir com a grandeza de Apolo para derrotar os ciclopes foi questionada e “o excesso” da Natureza “foi revelado como verdade [...] e onde quer que o espírito dionisíaco penetrasse, a influência apolínea era destruída e aniquilada”, até que Apolo se tornou um servo dos próprios humanos. Quando as tarefas de seu castigo foram cumpridas, e sua contenção restaurada, Apolo recebeu de volta a flecha e a colocou entre as constelações (NIETZSCHE, 2007, p. 61).

B) Ofíúco, a recompensa do apolíneo

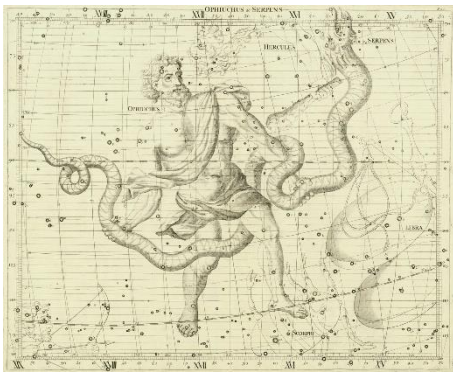


Ilustração 2 © Flamsteed, João, 1646-1719

É a representação entre as constelações do deus Aclépio, que era um deus que servia como médico renomado, capaz de curar até a morte, então, segundo Eratóstenes, ele teve que morrer por causa da preocupação dos deuses, “temendo que seus próprios desígnios (dos deuses) pudessem ser tornados ineficazes pela habilidade de Asclépio”, e uma vez defendida pela deferência de Apolo, alcançou seu lugar no céu (ERATÓSTENES,

1999, p. 44).

Novamente vemos como a capacidade de conquistar a Natureza aparece com a aparência como prêmio e está ligada à estética do apolíneo essa vontade grega de vencer até a morte, para a estética dessa dicotomia é preciso se impor até mesmo na arte sobre a Natureza: “como podemos forçar a Natureza a abrir mão de seus segredos se não resistindo vitoriosamente, isto é, por atos contra a Natureza?” A “aparência” era para Nietzsche, apesar de sua característica de arte e não de natureza, uma maneira pela qual a Natureza realizava seus próprios fins, o que ainda era belo para eles (NIETZSCHE, 2007, p. 90).

Obviamente, tentar derrotar a morte pode significar acreditar ser mais do que os deuses e por isso é considerado um ato de excesso, mas é necessário que o povo grego tenha conseguido a transfiguração do gênio pela arte através desses atos de aparência, para admirá-los com ingenuidade, com inocência e não com ciência, mesmo que seja na aparência dessa história astronômica. vencer a morte num objeto de poesia que nos permita meditar com serenidade sobre essa ideia e colocá-la no céu junto com as outras constelações.

C) O Corvo, castigo contra o apolíneo

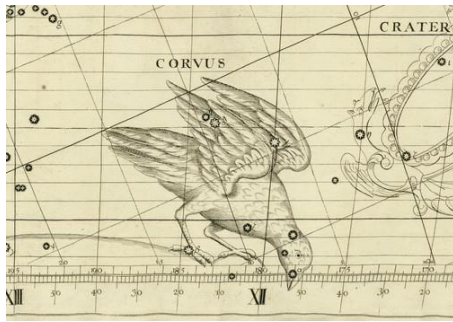


Ilustração 3 © Flamsteed, João, 1646-1719

O catasterismo sobre a constelação do corvo nos conta a história sobre certos sacrifícios feitos pelos deuses para os quais eles enviaram o corvo para procurar água, ele foi e viu que os figos estavam crescendo ao lado da fonte, mas ainda verdes, então ele decidiu esperar que amadurecessem e quando os comeu percebeu sua má ação e culpou a hidra por atrasá-lo bebendo a água todos os dias que levava. Apolo, sabendo que se tratava de mentira, colocou o corvo no céu e o condenou a sofrer sede, colocando a hidra entre ele e o cálice para que não pudesse beber (ERATÓSTENES, 1999, p. 110)

Nesta história podemos interpretar a sombra do ideal estético na verdade apolínea, uma vez que essa verdade é vivida com grande culpa no fundo e domar a realidade com a arte vai contra o ideal estético dos filósofos gregos, que, como Platão, “consideravam a arte inferior à natureza, uma mimese imperfeita que é muito menos do que incapaz de competir com a ideia das coisas”, Isso faz com que a arte seja uma falsa cópia da beleza autêntica e não seja educativa (ECO, 2015, p. 50).

Para a estética apolínea, a arte nada mais é do que uma forma de individuação para confrontar a existência, mas em nenhum caso é a Natureza ou a própria existência. Nesse sentido, Nietzsche fala do “ingênuo”, do enredado na beleza da aparência com ingenuidade. Nietzsche que diz sobre a arte que “O contraste entre essa verdade da Natureza e a mentira da civilização agindo como a única realidade é comparável àquele entre a essência eterna das coisas, a coisa em si e todo o mundo das aparências” (NIETZSCHE, 2007, p. 83).

Eratóstenes nos adverte na obra que estamos interpretando para não sermos como o corvo e na tela celeste é captada a identidade de um povo cujo ideal estético foi encarnado nas ações de Apolo sobre a verdade.

O Conceito de Beleza Dionisiaca nos Catasterismos

A) Coroa, recompensa do dionisiaco

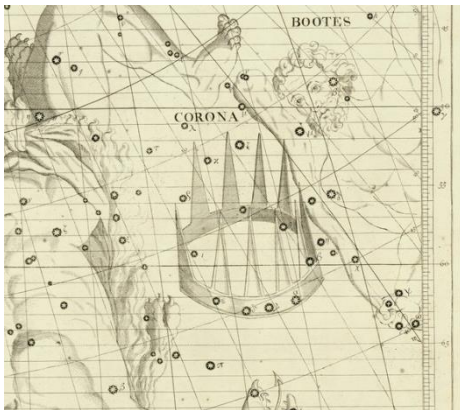


Ilustração 4© Flamsteed, João, 1646-1719

Catasterismo faz a história sobre Ariadne, que ajudou Teseu a superar o labirinto com o brilho de sua coroa, no entanto, tendo abandonado seus pais para ir atrás do herói, ele a abandona na ilha de Naxos, para ser imediatamente descoberto por Dionísio, que imediatamente se casa com ela e joga sua coroa no céu em um ato de celebração. (Eratóstenes, 1999, pág. 41)

Sobre essa ideia, podemos observar um ideal estético dionisiaco que celebra a ruptura com a razão, Dionísio encontra uma mulher abandonada às paixões do amor proibido, do sofrimento, da decepção e toma o atributo da coroa para jogá-la no céu como gesto de vitória. Não estamos falando de uma coroa qualquer, mas de uma capaz de guiar um herói para fora do caos. Nesse sentido, Nietzsche faz uma observação ao pensamento de Sócrates, que usa a razão para penetrar e até reformar a Natureza através da causalidade, da mesma forma que a coroa atravessou o labirinto, que ainda é uma crença excessiva que superestima a virtude do pensamento. Vemos nesta passagem o triunfo de Dionísio em impor-se ao desígnio da razão com sua corte de leopardos e música, tomando um humano em casamento em êxtase, gesto que celebra a imposição das paixões. (Nietzsche, 2007, pág. 123)

B) Câncer, recompensa do dionisiaco

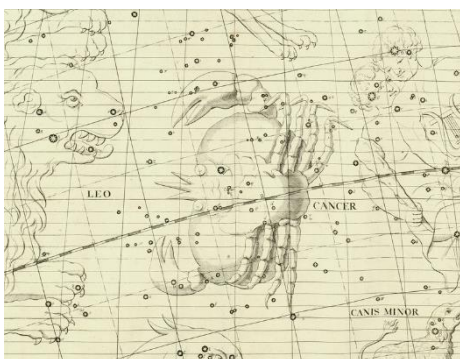


Ilustração 5© Flamsteed, João, 1646-1719

Este relato da ascensão à constelação nos diz que a luta de Hércules contra a Hidra foi interrompida pela mordida de um caranguejo, sem a influência de outros, o que lhe deu grande fama e um lugar no zodíaco. Da mesma forma, Eratóstenes detalha aqui que várias das estrelas da constelação são chamadas de “jumentos” e que Dionísio as colocou lá em homenagem ao monte que ele escolheu para ir com Hefesto e outros sátiros para lutar contra os Gigantes e que a bravura dos burros fez os inimigos fugirem. Assim, os burros foram transformados em estrelas dentro da constelação do Caranguejo.

A presença de uma estética dionisíaca pode ser reconhecida no conceito do absurdo, onde no grande palco da existência e da Natureza, o ser humano pode aparecer como uma folha ao vento. No fundo da estética dionisíaca encontramos a verdade de Sileno “[...] O que você deve preferir a tudo é, para você, impossível: não é ter nascido, não ser, ser nada. Mas depois disso, a melhor coisa que você pode desejar é morrer logo” (NIETZSCHE, 2007, p. 58).

Ou seja, no extremo oposto à aparência apolínea está essa vontade ao nada, razão pela qual a arte aparece como salvadora, transmutando o tédio e o absurdo da existência em imagens do sublime, onde a arte subjuga o horrível e o absurdo. Com sua forma de enfrentar os Gigantes, Dionísio, cavalcando a expressão de sua estética, consegue afugentar o terror de uma existência feita para os maiores avatares em comparação com a minúscula do ser humano (NIETZSCHE, 2007, p. 82).

C) Lira, castigo do dionisíaco

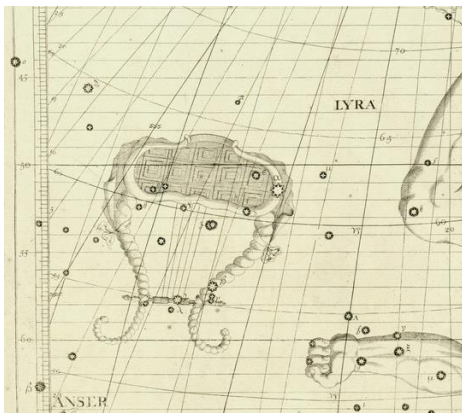


Ilustração 6© Flamsteed, João, 1646-1719

A história nos conta sobre a invenção da lira e como Apolo a deu a Orfeu, que era apreciado entre os homens e podia encantar até as pedras com sua música. Tendo deixado de adorar Dionísio, Orfeu sobe a montanha para receber o sol e poder adorar Apolo, então Dionísio, ofendido, envia sua corte de Basarides para ser esquarterjada. Zeus decide elevar a lira às estrelas como um lembrete deste evento (ERATÓSTENES, 1999, p. 81)

Para a proposta de Nietzsche sobre o ideal estético dos gregos, a individuação é um ato contra a Natureza “(devemos) considerar o estado de individuação como fonte e origem primordial de todos os males”, de modo que, em oposição, o ritual dionisíaco se revela como manifestação radical de todas as faculdades simbólicas. O ritual de Dionísio, “sparagmos”, consistia no rasgar de um ser vivo para comer sua carne crua, um rito que, por sua vez, representa o mito do despedaçamento e renascimento de Dionísio.

Nesse sentido, a beleza aparece como uma manifestação portentosa que provoca o susto: é preciso perder-se e ser devorado pela Natureza nas paixões, não necessariamente como um oposto dialético à individuação, mas como uma demonstração do excesso enquadrado no niilismo grego, a verdade de Sileno (NIETZSCHE, 2007; DONIGER, 2005).

Conclusões

A ciência da astronomia encontrou sua forma na literatura e, como em *Mitologia do Firmamento*, seus textos não expressam apenas a distribuição do plano celeste, mas também a tradição narrativa dos gregos clássicos, que consideravam a astronomia uma forma de arte.

Seguindo a análise estética aplicada por Nietzsche em sua obra *A Origem da Tragédia*, podemos mergulhar na ideologia dos catasterismos coletados por Eratóstenes e interpretar o ideal helênico de beleza nas categorias de beleza apolínea e dionisíaca.

No geral, para os gregos era uma ação digna de recompensa impor-se com arte sobre a Natureza. Lembremos que a verdade de Sileno consistia no fato de que, diante da vida, o ser humano é insignificante, portanto, através da individuação ou do despedaçamento das paixões, podemos confrontar a Natureza. Embora haja uma saída, as histórias analisadas também nos lembram da importância da moderação, uma vez que a “aparência” alcançada na arte não equivale à Natureza como verdade, então é necessário esse equilíbrio que é alcançado contrastando qualquer uma dessas soluções com o oposto.

Umberto Eco afirma que “É uma beleza alegre e perigosa, totalmente contrária à razão e muitas vezes representada como possessão e loucura: é o lado noturno do pacífico céu do sótão, cheio de mistérios iniciáticos e ritos sacrificiais sombrios (ECO, 2015, p. 58).

Esse é o ideal estético dos gregos, segundo Nietzsche: a vontade grega de enfrentar a existência, seu absurdo, através da arte com moderação e equilíbrio, tanto da individuação quanto do abandono. Para glorificarem-se como seres humanos, era necessário que os indivíduos do povo grego se sentissem glorificados, que se vissem reconhecidos em uma esfera superior como o plano astrológico, sem que a perfeição desse mundo ideal fosse percebida como uma reprovação ou ameaça. Com esse ideal de beleza, a vida do ser humano é digna, a “vontade helênica” que ainda podemos observar acima de nossas cabeças no céu estrelado nos convida a combater a aptidão para o sofrimento intrínseca ao homem inserido no absurdo da Natureza com um gesto equilibrado na esfera da arte.

O mapa astronômico dos gregos começou como um tratado de ciência e terminou como uma obra de arte para que os gregos pudessem se inspirar à noite na tela celeste, como afirma Guzmán na introdução da obra *Mitologia do Firmamento*, o mapa da esfera astronômica “foi enriquecida com outras analogias, com explicações etiológicas, projetando no próprio Universo as idiossincrasias de sua mitologia, de suas tradições e de sua cultura, até que a fama de suas criaturas míticas se impôs a uma realidade física tão imperecível quanto os astros” (ERATÓSTENES, 1999, p. 26).

Referências

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Madrid: Gredos, 1994.
- CASSIRER, E. **Antropologia filosófica**. México: F. C. E., 1965.
- DIAZ, C.; NAVARRO, P. Análise de Conteúdo. In: DELGADO, J.; GUTIERREZ, J. **Métodos e técnicas de pesquisa nas ciências sociais**. Madrid: Síntesis, 1998. p. 174-224.
- DIÓGENES. **Vidas e Opiniões de Ilustres Filósofos**. Madrid: Alianza, 2007.
- DONIGER, W. **Mitos de Outros Povos: A Caverna dos Ecos**. Madrid: Ciruela, 2005.
- ECO, U. **História da Beleza**. Barcelona: Debolsillo, 2015.
- ERATÓSTENES. **Mitologia do Firmamento**. Madrid: Alianza Editorial, 1999.
- FLAMSTEED, J. **Atlas Coelestis**. Londres: S.N., 1729.
- GILMAN, D. C.; PECK, H.; COLBY, F. **Quadrivium, Nova Enciclopédia Internacional**. Nova Iorque: Mead, 1905.
- HESÍODO. **Teogonia**. Madrid: Gredos, 1978.
- FOME, H.; STEELE, J. **O Compêndio Astronômico Babilônico Mul.Apin**. Nova Iorque: Routledge, 2019.
- NICOLINI, C. **Análise de conteúdo como técnica de pesquisa**. [s.l.]: Diretoria de Estudos, Inovação Curricular e Desenvolvimento do Ensino, 2015.
- NIETZSCHE, F. **A origem da tragédia**. Madrid: Austral, 2007.
- OLMOS, A. **A estética como forma simbólica**. Michoacán: Divisão de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, 2009.
- SCHAEFER, B. E. A origem das constelações gregas. **Scientific American**, v. 295, 2006.
- SCHWEMMER, O. **Ernst Cassirer: Um filósofo da modernidade europeia**. Berlim: Akademie Verlag, 1997.